

## **Os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade e o papel do professor de Biologia neste contexto**

Luciane Rocha Rodrigues\*

Neusa Maria John Scheid\*\*

### **Resumo**

No presente trabalho apresenta-se um estudo quantitativo e qualitativo, do tipo descritivo, que teve como objetivo investigar os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade, como os adquiriram e como fazem uso desses conhecimentos no seu cotidiano e identificar como o professor de biologia do Ensino Médio aborda a orientação sexual nas suas aulas. A preocupação escolar com a orientação sexual dos estudantes deve ser reinscrita na escola, pois se sabe que muitas vezes os jovens não têm informações suficientes acerca da sexualidade, os pais não conseguem conversar com os filhos e a escola nem sempre consegue conscientizar os estudantes da importância dos cuidados com o próprio corpo. Todo estudante tem o direito de ser orientado sobre sua sexualidade, e o professor de Biologia, ao abordar o tema corpo, deve considerar os aspectos biológicos e também abordar as emoções e sentimentos, para que, a partir desse contexto, o estudante possa administrar sua sexualidade com cuidado e com segurança. Para a coleta dos dados, foi utilizado um questionário, respondido por estudantes da terceira série do Ensino Médio, matriculados em cinco escolas públicas de São Luiz Gonzaga/RS, com idade entre 15 e 21 anos, e seus respectivos professores de Biologia. Os resultados indicam que há ainda, entre os estudantes, muitas idéias inadequadas em relação à sexualidade. Os professores reconhecem a importância de desenvolver assuntos relacionados à sexualidade, mas nem sempre se sentem preparados para a tarefa. Entretanto, cabe aos professores e à escola repensar suas práticas, para ajudar os estudantes.

**Palavras-chave:** Educação sexual. Ensino de Biologia. Orientação sexual.

### **The basic knowledge that the students possess about sexuality and the Biology teacher's paper in this context**

#### **Abstract**

The present work shows a quantitative and qualitative study with a descriptive type that it had as an objective to investigate the basic knowledge that the adolescents possess about sexuality, as they acquired them and as they make

\* Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e da Missões/URI - mestranda em Docência Universitária pela Faculdade Regional Buenos Aires/UTN, Argentina.

\*\* Professora Doutora da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e da Missões/URI - Campus de Santo Ângelo, (RS).

Luciane R. Rodrigues - Neusa Maria J. Scheid

use of them on their daily lives and to identify how the high school biology teacher approaches the sexual orientation subject on their classes. The school concern with the students' sexual orientation must be rewrite at school because it's known that the adolescents don't have enough information about sexuality and their parents don't even talk to them about this subject. And the school not always gets to become students aware of the importance with the body care. Every student has the right of being guided correctly about their sexuality and it's a responsibility of a biology teacher not only approach the body on its biological aspects, but also approach their emotions and feelings, so that starting from this context the students can manage their sexuality carefully and safely. For the collection of data, an interview was used, answered by Third grade students of five public high schools of São Luiz Gonzaga / RS, in age among 15 and 21 years and their respective biology teachers. The result indicates that there are among the students a lot of non appropriate ideas about sexuality. The teachers recognize the importance of developing subjects related to sexuality, but not always feel prepared for this task. It's necessary to the teachers and school to think over their practices to help the students.

**Keywords:** Sexual education. Biology teaching. Sexual orientation.

## Introdução

Abordar o tema sexualidade não é tarefa muito fácil, tanto para pais como para professores. Os pais muitas vezes têm receio de conversar com seus filhos, por medo ou por não terem as informações necessárias, como se isso fosse estimular excessivamente a sexualidade dos filhos. A escola não está preparada, embora esse seja um dos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais a ser trabalhado na educação básica. Ainda hoje, o que se vê, são propostas não bem elaboradas, com professores trabalhando a sexualidade apenas quando surge algum "problema", como gravidez na adolescência ou algum estudante com doença sexualmente transmissível (DST). Na maioria das vezes, o que ocorre é que a escola delega ao professor de Ciências e de Biologia o papel de orientador sexual, papel que deveria ser de toda a escola. Como os conteúdos a serem trabalhados são muitos, e as escolas, em sua maioria, não têm um projeto multidisciplinar para trabalhar essa temática, a sexualidade acaba sendo abordada pelos professores de biologia e de ciências, que trabalham apenas os aspectos biológicos, os aparelhos reprodutores, os órgãos sexuais, as DSTs e os métodos contraceptivos, sem trabalhar as emoções e os sentimentos que envolvem a sexualidade.

O que podemos observar são estudantes despreparados para iniciar sua vida sexual; muitos deles recorrem a amigos para esclarecer dúvidas, outros preferem livros e revistas, por não haver adultos para orientá-los. A orientação sexual é dever da escola no sentido de complementar a educação sexual que é responsabilidade da família, como afirmam Suplicy (1988), Freud (1995) e Pinto (1999).

### **Os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade e o papel do professor de Biologia neste contexto**

Com base nesses dados e tendo presente a necessidade de uma orientação sexual mais adequada que atenda às inquietações dos adolescentes, realizou-se este estudo, a fim de verificar a influência que os conhecimentos biológicos têm no cotidiano dos adolescentes. Identificou-se como o professor de Biologia do Ensino Médio aborda o assunto de orientação sexual com os adolescentes e como esse profissional trabalha geralmente sozinho um tema que é dever de toda a escola. Buscou-se saber também como suas aulas ajudam a ampliar as fronteiras para a facilitação da busca de identidade do adolescente e do estabelecimento de relações afetivas estáveis.

E o objetivo geral deste estudo foi investigar os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade, como os adquiriram e como fazem uso desses no seu cotidiano.

A investigação realizada é de cunho quantitativo e qualitativo, do tipo descritiva que, conforme Cervo e Bervian (1996, p. 49), “[...] busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, educacional, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e de comunidades mais complexas”.

Para o início do trabalho, buscou-se uma ampla revisão bibliográfica, com o intuito de se conhecer as contribuições teóricas existentes, pois:

A pesquisa bibliográfica é um fator reflexivo, sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis em qualquer campo do conhecimento. [...] implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas [...] através da comunicação direta ou indireta. (LAKATOS; MARCONI, 1995, p. 43)

A coleta dos dados ocorreu no primeiro semestre do ano letivo de 2007, com os estudantes da terceira série do Ensino Médio, do diurno, matriculados nas cinco escolas públicas com Ensino Médio de São Luiz Gonzaga/RS, com idade entre 15 e 20 anos, e seus respectivos professores de Biologia. Foi escolhida essa série, pois é ela que encerra a educação básica, na qual os estudantes estão vivenciando a puberdade, bem como as primeiras vivências e primeiros conflitos relacionados à sexualidade.

As entrevistas ocorreram predominantemente nas escolas, por meio de um questionário anônimo, elaborado com informações baseadas na literatura. Esse questionário continha perguntas abertas e fechadas, de simples e múltipla escolha. O mesmo foi aplicado pela acadêmica responsável pelo estudo, evitando, assim, constrangimentos entre estudantes e professores. O critério utilizado para a seleção dos participantes foi a voluntariedade.

Para a análise dos resultados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo. Essa técnica permite compreender o significado do conteúdo latente ou manifesto emitido pelos sujeitos da pesquisa (BARDIN, 1977).

### **Sexualidade – um pouco de fundamentação teórica**

A sexualidade envolve os aspectos biológicos e os aspectos culturais, que juntos determinam a nossa identidade sexual (CARDOSO, 1996).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

O trabalho de Orientação Sexual também contribui para a prevenção de problemas graves como o abuso sexual e a gravidez indesejada. As informações corretas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção desses problemas. Finalmente pode-se afirmar que a implantação de Orientação Sexual nas escolas contribui para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura (BRASIL, 2000, p. 114-115).

A escola deve desempenhar, na educação sexual dos jovens, um papel consciente para promover a saúde física e mental dos estudantes (RODRIGUES; FONTES, 2002). Ainda sobre esse tema, Itoz (1999) coloca que o adolescente precisa entender que o corpo é o que somos, logo é essencial cuidá-lo, para a nossa saúde e não apenas porque a moda exige um corpo perfeito. O importante é ter um corpo saudável para que possamos ser felizes.

A mídia, na maioria das vezes, explora o corpo de forma vulgar. Há pouca orientação. Em contrapartida, há um excesso de informações que não esclarecem as dúvidas dos adolescentes, e, como a família nem sempre consegue estabelecer um diálogo aberto com eles, cabe à escola ajudar a esclarecer o que acontece com o corpo e com os sentimentos dos adolescentes quando trabalha temas relacionados à sexualidade. É fundamental entender o que ocorre conosco e com nosso corpo. Para isso, Lima (1994) expõe que:

Embora os meios de comunicação em massa não parem de exibir, das mais variadas formas e com os mais diversos recursos, os órgãos sexuais, não são poucos os adolescentes que realmente não sabem, exatamente, qual órgão tem qual nome e/ou função, e mesmo para quem serviria saber disso... Para que se possa discutir os diversos aspectos da sexualidade humana é muito importante que se conheça a forma e o funcionamento dos órgãos sexuais. Dúvidas em relação à localização ou à função de determinado órgão são frequentes e poucas vezes discutidas em casa ou na escola: o

### **Os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade e o papel do professor de Biologia neste contexto**

assunto dificilmente é tratado com naturalidade, mesmo no tão importante grupo de amigos. Muitas vezes, há ironia, deboche, mentiras e desinformação. (LIMA, 1994, p. 21)

Soares (2005) afirma que o fato dos adolescentes conhecerem os métodos contraceptivos não garante que eles saibam se prevenir a ponto de evitar a gravidez, pois muitos conhecem os métodos, mas, muitas vezes, não os utilizam. Por razões como essa é que Freud (1995) afirma que o início da puberdade é o melhor momento para iniciar a orientação sexual.

Não adianta negar que a sexualidade está presente na vida do jovem. Por isso, a família e a escola devem oferecer orientação sem preconceitos. É importante que a escola informe a família de que esse tema está sendo trabalhado no ambiente escolar (GENTILI, 2006; LEITE, 2001). Sobre esse assunto, Itoz (1999) afirma que os jovens que recebem uma boa orientação sexual normalmente retardam sua iniciação sexual e, quando esta se dá, eles já têm mais responsabilidade.

A orientação sexual dos estudantes é dever de toda a escola. No entanto, Chibli (2005) afirma que a maioria dos profissionais que buscam especialização em orientação sexual são os professores de biologia, porque são eles os mais requisitados para abordar o tema.

### **Resultados obtidos com os estudantes**

De um total de aproximadamente 210 estudantes da rede pública de ensino de São Luiz Gonzaga, matriculados na terceira série do Ensino Médio, estudantes do turno diurno, participaram da pesquisa 138 estudantes. Desses 54,3% são meninas e 45,7% são meninos. A média de idade entre os estudantes é de 16 anos, tanto para meninas quanto para meninos. Os dados podem ser observados na Tabela 1.

Conforme Dias e Gomes (2000), os índices de gravidez na adolescência são cada vez mais altos. Porém, dos estudantes que participaram da pesquisa, apenas três são pais, e, desses, dois são casados, isso devido à gravidez que ocorreu muito cedo. Esse fato demonstra que a maioria dos adolescentes desse grupo parece se preocupar e se prevenir de uma gravidez indesejada.

Quando perguntados a respeito do motivo pelo qual cuidam do próprio corpo, constatou-se que a maioria dos adolescentes preocupa-se com o corpo não só pela moda, como também por se tratar do único que possuem. Isso demonstra que, embora a moda e os meios de comunicação invistam no corpo perfeito, muitos estudantes não seguem esse padrão. A maioria (95 estudantes) respondeu ser o único corpo que possuem. Meyer e Soares (2004) e Itoz (1999) esclarecem que ter preocupação e cuidado com o corpo é uma maneira de se auto-afirmar, de se sentir bem e feliz.

**Tabela 1**  
**Idade dos adolescentes que participaram da pesquisa**

Sexo	Idades						Total
	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	19 anos	20 anos	
Feminino	8	34	22	7	2	2	75
Masculino	-	28	27	8	-	-	63
<b>Total</b>	8	62	49	15	2	2	138

Fonte: Pesquisa realizada nas escolas públicas, com Ensino Médio, de São Luiz Gonzaga/RS

Para conversar e para tirar dúvidas sobre sexo, os jovens procuram, em primeiro lugar, os amigos, depois, respectivamente, os pais, namorados(as), parentes, médicos, professores e livros. Três estudantes responderam que não conversam com ninguém. As meninas conversam mais com os pais do que os meninos. Verificou-se que os adolescentes não têm o espaço suficiente ou não conseguem falar com a família para esclarecer suas dúvidas sobre sexualidade, pois em primeiro lugar, eles procuram os amigos que nem sempre são a melhor fonte de informação. Os professores também não são muito procurados. Isso faz pensar que não abordam esse assunto com os estudantes ou, então, não dão muita liberdade para que os jovens expressem suas dúvidas. Gonçalves (2005) e Pinto (1999) discutem essa questão em seus trabalhos, afirmando que muitas vezes os professores estão despreparados para esclarecer as dúvidas dos estudantes e a família nem sempre consegue tratar o tema com a naturalidade necessária, o que faz com que os estudantes não os procurem.

Ao serem questionados com quem é mais fácil falar sobre sexo, constatou-se que os jovens falam mais com os amigos, seguidos dos namorados(as), médicos, parentes e prostitutas. Notou-se que os meninos conversam mais com os pais, e as meninas conversam mais com as mães. Conforme Borges; Nichiata; Schor (2006) em seus estudos, "os adolescentes relataram que os diálogos e o esclarecimento de dúvidas sobre sexo ocorriam com maior frequência com os amigos", porém algumas dúvidas eram discutidas com os pais, com as mães, o que se confirmou também no presente trabalho.

Os mesmos autores ainda ressaltam que é importante que a família informe seus filhos, mantenha diálogo sobre sexualidade e incentive o uso do preservativo. Já na escola, os professores devem estar preparados para falar de sexualidade não apenas através do modelo biológico.

**Os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade e o papel do professor de Biologia neste contexto**

Em relação aos métodos anticoncepcionais, constatou-se que os adolescentes conhecem ou já ouviram falar da camisinha masculina, da pílula, do DIU – dispositivo intra-uterino, do diafragma e da camisinha feminina. A tabelinha, a pílula do dia seguinte, a vasectomia e a ligadura foram pouco citados. Porém, quando questionados sobre como usar esses métodos anticoncepcionais, a maioria respondeu que sabe utilizar o preservativo e a pílula, seguidos de uma pequena porcentagem dos demais métodos citados. Os resultados indicam que a maioria dos garotos sabem utilizar o preservativo masculino, enquanto a maioria das garotas sabe como deve ser utilizado o preservativo e a pílula. Isso mostra o quanto falta informação aos adolescentes, pois conhecem vários métodos contraceptivos, mas sabem utilizar basicamente apenas a camisinha e a pílula. Os resultados podem ser observados na Tabela 2.

**Tabela 2**  
**Métodos contraceptivos mais usados pelos adolescentes**

Métodos / Sexo	Meninas	Meninos	Total
Camisinha masculina	55	55	110
Pílula	56	14	70
Pílula do dia seguinte	3	-	3
Injeções	2	1	3
Camisinha feminina	2	-	2
Diafragma	1	1	2
Tabelinha	3	1	4
DIU	11	-	11

Fonte: Pesquisa realizada nas escolas públicas, com Ensino Médio, de São Luiz Gonzaga/RS

A respeito do conhecimento que possuem sobre métodos anticoncepcionais, a maioria dos jovens respondeu tê-los adquirido com os pais e professores, dos médicos e amigos, e ainda através da televisão, livros e revistas. Em último lugar citaram as palestras e os parentes. Sobre esse tema, Gonçalves (2005) lembra que:

Achar que os filhos estarão preparados simplesmente porque lhes ensinam técnicas contraceptivas, ignorando totalmente os valores e a vida humana, e não ensinando o sexo no contexto de um amor verdadeiro e duradouro, é um grande engano contra o qual os pais devem ficar alertas. Por isso, os pais precisam se informar sobre como o tema está sendo tratado na escola de seus filhos. (GONÇALVES, 2005, s.p.)

No grupo pesquisado, as doenças sexualmente transmissíveis mais conhecidas são a AIDS, a sífilis e a gonorréia. A candidíase, o condiloma acuminado e o herpes são pouco citados, o que é preocupante, pois a maioria não tem conhecimento do vírus HPV. Alguns estudantes responderam que a rubéola, o câncer e a hemorróida são DSTs. Constatou-se que esses conhecimentos foram obtidos através das informações recebidas principalmente dos professores, programas de televisão, dos livros e das revistas. Secundariamente vêm as informações recebidas dos pais, dos médicos e dos amigos; poucos jovens responderam ter informações através de palestras. A maioria dos jovens cita o professor como fonte de informação sobre doenças sexualmente transmissíveis e sobre métodos anticoncepcionais. No entanto, os resultados mostram que nem sempre essas informações são claras, pois os adolescentes, por exemplo, não relacionam o HPV – papilomas vírus humano, como uma doença ligada às DSTs. Alguns se referem à AIDS e ao vírus HIV como assuntos independentes, o que não deixa de ser um conceito correto considerando que ser HIV positivo não implica ser aids. Logo, é importante que o professor seja um profissional bem informado e que saiba passar esses conhecimentos para seus estudantes. Aquino e colaboradores (2003) confirmam a importância do papel do professor a respeito da sexualidade de seus estudantes, pois informar corretamente os estudantes é investir em educação de qualidade.

Verificou-se ainda que a grande maioria usa o preservativo ou a pílula como método contraceptivo. No entanto, alguns jovens não utilizam nenhum método contraceptivo quando têm relações sexuais. O coito interrompido e os anticoncepcionais injetáveis foram citados apenas por dois estudantes.

Ao serem questionados sobre a importância do uso do preservativo, a maioria dos adolescentes diz ter preocupação com a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e com gravidez indesejada. Alguns, ainda, responderam que é importante usar o preservativo por ele ser um dos métodos mais seguros. Com relação à AIDS, a preocupação é igual entre meninas e meninos, porém, com relação à gravidez, as meninas são as mais preocupadas em defender o uso de preservativo. Esse fato se explica facilmente, pois muitas meninas responderam que são elas que mais sofrem com uma gravidez indesejada, pois, na maioria das vezes, são abandonadas pelos namorados ou pelos pais dos bebês. A maioria dos jovens respondeu que a iniciativa de usar o preservativo deve ser de ambos os sexos (84 estudantes). Alguns dizem ser responsabilidade do homem (20 estudantes) e outros, responsabilidade da mulher (17 estudantes).

O momento certo para iniciar a ter relações sexuais, segundo a maioria dos jovens, é quando encontrarem a pessoa certa, que conhecem bem e de que gostam e quando se sentem preparados e seguros. Alguns responderam que a hora certa é quando os dois estiverem preparados física e psicologicamente, resultando daí uma relação consciente. Esses dados podem ser observados na Tabela 3.



Os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade e o papel do professor de Biologia neste contexto

**Tabela 3**  
**Momento ideal para iniciar a vida sexual segundo os jovens pesquisados**

Momento ideal / Sexo	Meninas	Meninos	Total
Quando encontra a pessoa certa, que goste.	17	8	25
Estiver pronto, seguro e preparado.	29	3	32
Quando os dois se conhecerem bem.	10	9	19
Após a puberdade.	1	5	6
Quando estiverem conscientes, preparados físico e psicologicamente.	8	17	25
Relacionamento sério.	3	-	3
Após conversa com os pais ou médicos.	1	-	1
Casamento.	2	1	3
Quando surgir vontade ou oportunidade.	1	13	14
Não sabe ou não respondeu.	3	7	10
<b>Total</b>	<b>75</b>	<b>63</b>	<b>138</b>

Fonte: Pesquisa realizada nas escolas públicas, com Ensino Médio, de São Luiz Gonzaga/RS

Constatou-se que os adolescentes, na maioria, iniciaram sua vida sexual por volta dos 14 – 16 anos. Dos 138 jovens que participaram da pesquisa, 42 ainda não deram início à vida sexual, conforme observado na Tabela 4.

Dos 96 adolescentes que já iniciaram sua vida sexual, 72 afirmam não ter arrependimento a respeito, sendo que desses 45 são meninos e 27 são meninas. Os outros 24 adolescentes (15 meninas; 9 meninos) dizem se arrepender de ter iniciado sua vida sexual. Algumas se arrependem porque a primeira vez aconteceu muito cedo e com a pessoa errada. Outras afirmam que gostariam de casar virgem e gostariam de ter obtido mais informações antes. Os meninos se arrependem porque a primeira vez aconteceu com a pessoa errada, ou porque não foi muito bom e ocorreu muito cedo. Um menino descreveu ter arrependimento por ter iniciado sua vida sexual com uma prostituta. Observa-se que os motivos de arrependimento em relação ao início da atividade sexual são semelhantes entre ambos os sexos. A respeito do início da vida sexual dos jovens, percebe-se que isso ocorre cada vez mais cedo. A escola precisa estar preparada para tratar dessa questão cada vez mais cedo. Nesse contexto, cabe lembrar Catalão (2002) que afirma ser fundamental que a escola tenha uma nova

**Tabela 4**  
**Idade em que o adolescente iniciou sua vida sexual**

Idades	Meninas	Meninos	Total
10 anos	-	1	1
11 anos	-	2	2
12 anos	-	2	2
13 anos	-	11	11
14 anos	5	16	21
15 anos	15	16	31
16 anos	20	6	26
17 anos	-	-	-
18 anos	2	-	2
Não iniciou	33	9	42

Fonte: Pesquisa realizada nas escolas públicas, com Ensino Médio, de São Luiz Gonzaga/RS

atitude diante dessa precocidade sexual, para assim orientar os estudantes conforme suas necessidades.

Em relação ao início da atividade sexual, Beiras (2005) afirma que os meninos iniciam mais cedo a vida sexual, e é comum o menino decidir se usa ou não o preservativo.

Antes da primeira relação sexual, a maioria dos jovens buscaram tirar suas dúvidas com os amigos, depois com os pais, médicos, professores e namorados(as). E também buscaram livros ou revistas para tirar suas dúvidas. Muitos meninos não procuraram informações antes de se iniciarem sexualmente. As meninas, na maioria, buscaram a mãe ou médicos ginecologistas, enquanto os meninos procuraram mais o pai e amigos.

A maioria dos adolescentes demonstrou ter preocupação com uma gravidez não planejada e justificaram afirmando que essa seria um grande problema, pois não estão preparados psicológica e financeiramente para isso. Alguns querem estudar e ter filhos após o casamento, enquanto outros afirmam não saber cuidar de uma criança que não tem culpa de ter nascido. Apenas nove adolescentes (4 meninas, 5 meninos) dizem não ter preocupações com gravi-

**Os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade e o papel do professor de Biologia neste contexto**

dez indesejada, porque se previnem. Essa preocupação é comprovada pelo fato de a maioria dos participantes ainda não ter filhos.

Sobre orientação sexual, os estudantes dizem ter aprendido nas aulas de biologia os métodos contraceptivos e as DSTs, na maioria. Poucos citaram reprodução, órgãos genitais, mudanças ocorridas durante a puberdade e alguns afirmam não terem aprendido nada na escola.

Com relação ao tema corpo, abordado nas aulas de biologia, evidenciou-se que a maioria dos estudantes aprendeu a anatomia e a fisiologia do corpo humano, com ênfase no sistema reprodutor e nas mudanças ocorridas durante a gravidez. Poucos estudantes afirmaram ter aprendido a cuidar do corpo através da higiene, para evitar doenças. O disposto vem a confirmar as colocações de Santos (2000) que evidencia que a escola trabalha o corpo apenas voltado para a reprodução.

Observou-se que a escola ainda trata a sexualidade relacionada às DSTs e aos métodos anticoncepcionais e não trabalha os sentimentos que a sexualidade envolve. O corpo também é trabalhado de forma mecânica, sem as emoções, é apenas um corpo representado no livro didático. Isso se torna um problema tanto para os estudantes quanto para quem não está preparado para ensinar, confirmando o que Rua (apud Catalão, 2002) escreve, quando refere que o maior problema enfrentado pela escola é que os professores acabam falando de sexo apenas como atividade reprodutiva.

O tempo que a escola disponibiliza para a orientação sexual não é suficiente, segundo a opinião da maioria dos adolescentes, pois falta espaço para se expressarem e tirarem dúvidas. Em algumas escolas, aborda-se apenas esse tema na sétima série, quando se estuda o corpo humano. Alguns estudantes reclamam que o tema é abordado como “uma coisa de outro mundo”. Poucos estudantes responderam que o tempo que a escola disponibiliza é suficiente e podem tirar dúvidas sempre que necessitarem, e que o assunto é abordado em casa e na televisão.

Dos 138 adolescentes que participaram da pesquisa, 127 (72 meninas; 55 meninos) afirmam que seria interessante ter aulas exclusivas para tratar da sexualidade, enquanto 11 (3 meninas; 8 meninos) jovens dizem não terem interesse por essas aulas. Para terem essas aulas, a maioria cita, de forma decrescente: profissionais especialistas em sexualidade, professores, médicos e palestrantes em geral. Dos que se referiram aos professores, afirmam que seria melhor uma mulher dar essas aulas.

No que se refere à AIDS, os estudantes responderam, em sua maioria, que essa doença pode ser transmitida através das relações sexuais sem preservativo e por transfusões de sangue ou contato direto com o sangue de pessoa contaminada. Uma porcentagem menor de estudantes citou o

compartilhamento de agulhas, as secreções vaginais e o esperma, e o leite materno. Vale lembrar que um estudante respondeu que a AIDS pode ser transmitida pelo beijo, pelo abraço e até mesmo pelo fato de passar pela pessoa contaminada, afirmando que é por esse motivo que ele não anda de ônibus. Pelas respostas, evidencia-se que os jovens precisam de mais informações e esclarecimentos acerca das DSTs, pois, embora a maioria seja esclarecida, esse estudante que respondeu que a AIDS pode ser transmitida pelo abraço, pode estar representando muitos outros jovens, que não participaram desta pesquisa e que compartilham da mesma idéia.

Ao serem investigados sobre a melhor forma de prevenção da AIDS, 100% dos estudantes afirmaram ser o uso do preservativo o responsável pela prevenção, embora alguns, além de citar o preservativo, citaram também os anticoncepcionais injetáveis e a pílula. Sobre a hepatite B, a maioria dos jovens citou a vacina como a melhor forma de prevenção, seguida do uso da camisinha, e poucos responderam que evitar o contato com a pessoa contaminada é a melhor forma de prevenir essa enfermidade. Tal fato demonstra a falta de conhecimento sobre a hepatite B, o que faz refletir que as escolas não dão ênfase a essa doença como uma DST ou não esclarecem bem os estudantes.

### **Resultados obtidos com a pesquisa realizada com os professores de Biologia**

Inicialmente, cabe esclarecer que a opção por entrevistas restritas a professores de Biologia não se deve à compreensão de que somente a eles cabe esse papel. A escolha deve-se em virtude de uma das autoras, que está mais envolvida com a formação continuada, também constatar que, assim como afirma Chibli (2005), nas escolas, embora o entendimento seja de que a orientação sexual é um tema transversal, e não papel de uma disciplina, são os professores de Biologia os mais requisitados para a tarefa. Portanto, é preciso que se discuta qual o papel que cabe a esses profissionais, em especial, no contexto do desenvolvimento de sua disciplina.

Das escolas envolvidas na pesquisa, apenas uma não teve participação dos professores de Biologia. Nas demais, os professores participaram, totalizando cinco professores (4 mulheres; 1 homem). Esses docentes são formados em Licenciatura em Ciências Biológicas – Pós em Educação, Licenciatura em Biologia, Ciências Físicas e Biológicas – Especialização em Educação Ambiental e Pós-Graduação (não especificada). Quanto à carga horária semanal, dois professores têm quarenta horas, dois têm cinqüenta horas e um professor tem vinte horas semanais. A idade dos professores varia de 27 a 44 anos.

Os professores responderam um questionário com 11 questões descritivas, cujas respostas são apresentadas e comentadas a seguir.

**Os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade e o papel do professor de Biologia neste contexto**

Ao serem questionados sobre a contribuição do professor de biologia acerca da orientação sexual dos adolescentes, percebeu-se que todos abordam o tema da sexualidade, embora apresentem diferentes razões para isso, conforme se pode perceber nas respostas a seguir:

Professor A – “Primeiro deve trabalhar com conhecimentos técnicos e biológicos sobre o corpo (morfofisiológicos) e incrementar um conhecimento psíquico de relações (caráter, preservação, prevenção...)”.

Professor B – “O professor contribui de forma significativa, pois Bio é vida e a disciplina dá esta abertura para trabalhar estes temas”.

Professor C – “O professor de biologia desempenha um papel fundamental na escola, pois muitas vezes cabe só a ele o papel de orientação sexual”.

Professor D – “orientando e falando a verdade, o que é certo e o que é errado – como prevenir gravidez e DSTs”.

Professor E – “No sentido de orientar e tirar dúvidas com relação aos métodos preventivos de gravidez e DSTs”.

Com relação à abordagem do tema corpo, Meyer e Soares (2004) citam que ele é apresentado como um corpo dividido em partes, sem sexo ou identidade. Muitas vezes é trabalhada apenas a parte interna do corpo, sem falar das emoções. O que se observa na prática é que o corpo estudado em aula geralmente é de pele branca e magro, o que só ressalta o preconceito e os padrões de beleza estipulados pela mídia. Sobre a abordagem desse tema os professores de Biologia responderam que:

Professor A – “Procuro abordar de forma natural, mostrando a grande complexidade e a interação entre o biológico e o mental”.

Professor B – “O corpo faz parte do todo – ecossistema, não tem como trabalhar isolado, isto é trabalhado na primeira série do ensino médio”.

Professor C – Não respondeu.

Professor D – “Abordo de maneira geral – cuidados e prevenção contra doenças”.

Professor E – “Trabalho o tema como parte importante, no contexto social, cultural (ênfase à valorização do corpo) e ambiental”.

Todos os professores responderam que em suas aulas os estudantes têm espaço para falar e para tirar dúvidas sobre sexualidade. O assunto é abor-

dado sempre que os estudantes procuram por isso, pois, segundo os professores, o interesse deve partir dos estudantes, para que essas informações contribuam para a vida sexual de cada um. A frequência que os professores discutem temas como métodos anticoncepcionais e DSTs depende muito do interesse dos estudantes que procuram informações. Outros abordam o assunto de acordo com o conteúdo trabalhado ou quando o tema faz parte da grade curricular.

Todos os professores responderam que a responsabilidade da orientação sexual não deve ser apenas da escola, deve partir primeiramente dos pais e também é responsabilidade dos órgãos públicos e dos meios de comunicação. A base da educação sexual está em casa e em toda a sociedade, visto que Pinto (1999) e Suplicy (1988) confirmam que a orientação sexual deve fornecer as informações que a família não dá ao jovem.

Contatou-se que, para trabalhar a educação sexual, a maioria das escolas possui recursos audiovisuais, vídeo, DVD, livros e revistas. Alguns utilizam peças anatômicas, sala de informática e palestras.

A maioria dos professores respondeu que a escola deveria implantar um projeto com horário específico para a orientação sexual, pois assim os estudantes seriam melhor esclarecidos. Uma professora sugeriu que esse projeto deveria ser para os pais, e um dos professores acha desnecessário esse projeto, pois o tema pode ser trabalhado nas aulas de Ciências e de Biologia. Os professores citam que a coordenação desse projeto deveria ser dos professores de Ciências e de Biologia, juntamente com a coordenação pedagógica e com a direção da escola. Alguns dizem que os demais professores devem ajudar na execução do projeto.

Pelo disposto acima, evidencia-se, que embora os professores digam que tratam desse tema de forma abrangente, que trabalham a sexualidade e o corpo de forma ampla, há estudantes ainda muito desinformados, cheios de dúvidas. Esperar que os estudantes venham buscar informações nem sempre é a melhor forma de educação, pois muitos não conseguem questionar por vergonha ou por medo.

A maioria das informações que os adolescentes têm sobre sexualidade não vem da família nem da escola. Falta ainda mais preparo dos professores e da escola, falta um trabalho com os pais, pois a responsabilidade com a sexualidade dos jovens é de todos, como sugeriram os próprios professores. Em vista disso, pode-se supor que a escola e os professores não estão cumprindo corretamente o seu papel, que é tão importante para o desenvolvimento dos jovens e para a preparação desses para a vida adulta.

Para França (2005), a sexualidade ajuda a formar a personalidade da pessoa, durante toda sua vida. Por isso a escola deve ter cuidado ao trabalhar o

### **Os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade e o papel do professor de Biologia neste contexto**

corpo isoladamente, pois poderá, assim, contribuir para a valorização do corpo perfeito, como se esse revelasse sua identidade.

A idéia de que a orientação sexual deve ser coordenada pelos professores de Ciências e de Biologia demonstra o quanto a escola ainda precisa caminhar, para trabalhar essa questão, buscando envolver os demais professores. Claro que o fato desses profissionais trabalharem a sexualidade é muito importante. Por outro lado, se informar os educandos sobre sexualidade é dever de toda a escola, por que não envolver toda a comunidade num projeto multidisciplinar?

### **Considerações finais**

Os resultados obtidos demonstram que os professores de biologia reconhecem a importância de seu papel na orientação sexual dos adolescentes, porém o tempo que dispõem a esse tema é muito pequeno. Muitas vezes restringe-se o tempo apenas para sanar as dúvidas que surgem e não se elabora aulas para falar de sexualidade. Muitos falam sobre sexo, sobre anticoncepção, sobre DSTs, quando trabalham a anatomia dos órgãos reprodutores, como se sexualidade estivesse relacionada apenas à reprodução. Não podemos esquecer que a obrigação da escola com a sociedade é trabalhar a sexualidade de forma ampla, envolvendo todos os docentes e pessoas ligadas à educação, inclusive os pais. A escola não pode delegar apenas ao professor de biologia essa responsabilidade.

Em relação aos adolescentes, observou-se que esses conhecem poucas DSTs e poucos métodos contraceptivos, delimitando-se praticamente apenas ao preservativo e à pílula. Embora conheçam outros métodos, não sabem como utilizá-los. Contudo, o índice de gravidez na adolescência é irrelevante entre os sujeitos da pesquisa. As informações que os jovens têm acerca da sexualidade são provenientes dos amigos, em sua maioria, pois o diálogo com os pais não é muito freqüente. Os professores são citados como fonte de informação e são requisitados para trabalhar esse tema nas aulas, o que evidencia que é preciso fazer um trabalho sério sobre sexualidade, para implantar estratégias voltadas à saúde dos adolescentes. Esse trabalho deve ser realizado também com os pais, para que esses participem mais ativamente da vida dos filhos e entendam que a sexualidade está presente em todas as fases da vida. Por isso, os pais precisam estar informados sobre como esse tema está sendo tratado na escola de seus filhos.

Cabe lembrar ainda que os adolescentes estão iniciando cada vez mais cedo sua vida sexual, o que ressalta a importância desse trabalho ser realizado nas escolas, para complementar a educação que os jovens recebem da família e dos amigos, para que levem uma vida saudável, com responsabilidade, pois só tem responsabilidade aquele que é bem orientado, que sabe fazer uso consciente das informações que recebe.

## Referências

AQUINO, E. et al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 2, n.19, p. 377-88, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdos**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BEIRAS, A. Os jovens e a sexualidade: um panorama da realidade brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: maio/ago. 2005. v. 13 n. 2. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000200018&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200018&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 ago. 2006.

BORGES, A. L. V.; NICHATA, L. Y.; SHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto: maio/jun. 2006. v. 14, n. 3. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S0104-11692006000300017&lng=pt&nrm=iso&tIng](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0104-11692006000300017&lng=pt&nrm=iso&tIng). Acesso em: 02 ago. 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural – educação sexual**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&, 2000.

CARDOSO, L. F. **O que é orientação sexual?** São Paulo: Brasiliense, 1996. – (Coleção primeiros passos; 307).

CATALÃO, N. Pudor Obsceno. **Educação**, São Paulo, v. 6, n. 63, p. 32-40, jul. 2002.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: MacGraw-Hill, 1996.

CHIBLI, F. A lei do desejo. **Educação**, São Paulo, v. 9, n. 98, p. 48-53, jun. 2005.

DIAS, A. C. G.; GOMES, W. B. **Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência**: percepção das jovens gestantes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre: 2000. v. 13, n. 1. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722000000100013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000100013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 ago. 2006.

\_\_\_\_\_. Sexualidade e métodos contraceptivos: A importância da comunicação em família. **Vidya**, Santa Maria, v. 23, n. 40, p. 15-28, jul./dez. 2003.

FRANÇA, K. B. Corpo, gênero e sexualidade: discussões. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: jan./abr. 2005. v. 13, n. 1. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000100014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100014&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 ago. 2006.

FREUD, S. **Três ensaios sobre teoria sexual**. Madri: Alianza Editorial, 1995.



**Os conhecimentos básicos que os adolescentes possuem sobre sexualidade e o papel do professor de Biologia neste contexto**

GENTILI, P. Educação Sexual: Eles querem falar de sexo. **Nova Escola**, São Paulo, v. 21, n. 191, p. 22-9, abr. 2006.

GONÇALVES, V. **Educação sexual nas escolas**. Brasília: 2005. Disponível em: <http://www.portaldafamilia.org.br/doc.php?doc=doc46057>. Acesso em: 20 jul. 2006.

ITÓZ, S. **Adolescência e sexualidade para eles e para nós**. São Paulo: Paulinas, 1999 (Coleção Adolescer).

LAKATOS, E.; MARCONI, M. **Fundamentos da metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

LEITE, A. P. L. Sexualidade na Adolescência: Conhecimentos, Atitudes e Práticas dos Adolescentes Estudantes do Município de Maceió. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro: mar. 2001. v. 23, n. 2. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-72032001000200013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032001000200013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 ago. 2006.

LIMA, H. **Educação sexual para adolescentes: desvendando o corpo e os mitos**. 3. ed. São Paulo: Iglu, 1994.

MEYER, D. E.; SOARES, R. F. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

PINTO, Ê. B. **Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade**. São Paulo: Gente, 1999.

RODRIGUES, I. T.; FONTES, A. **Identificação do papel da escola na educação sexual dos jovens**. Instituto de Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil. Portugal: nov. 2002. v. 7, n. 2. Disponível em: [http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol7/n2/v7\\_n2\\_a4.htm](http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol7/n2/v7_n2_a4.htm). Acesso em: 23 mar. 2006.

SANTOS, L. H. S. dos, (Org.). **Biologia dentro e fora da escola: meio ambiente, estudos culturais e outras questões**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SOARES, A. H. R. Família e sexualidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro: abr./jun. 2005. v. 10, n. 2. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232005000200028&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000200028&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 ago. 2006.

SUPLICY, M. **Sexo para adolescentes – Orientação para educadores**. São Paulo: FTD, 1988.

**Luciane R. Rodrigues - Neusa Maria J. Scheid**

## **Correspondência**

**Luciane Rocha Rodrigues** - Rua Rotary Club, 289, Bairro Ana Luiza, CEP 97590-000 - Rosário do Sul (RS).

E-mail: o.lu.drr@gmail.com ou lucianeroch@yahoo.com.br

Recebido em 05 de novembro de 2007

Aprovado em 25 de agosto de 2008